



GENÊSE E DESENVOLVIMENTO DA INDUSTRIALIZAÇÃO EM OLÍMPIA - SP

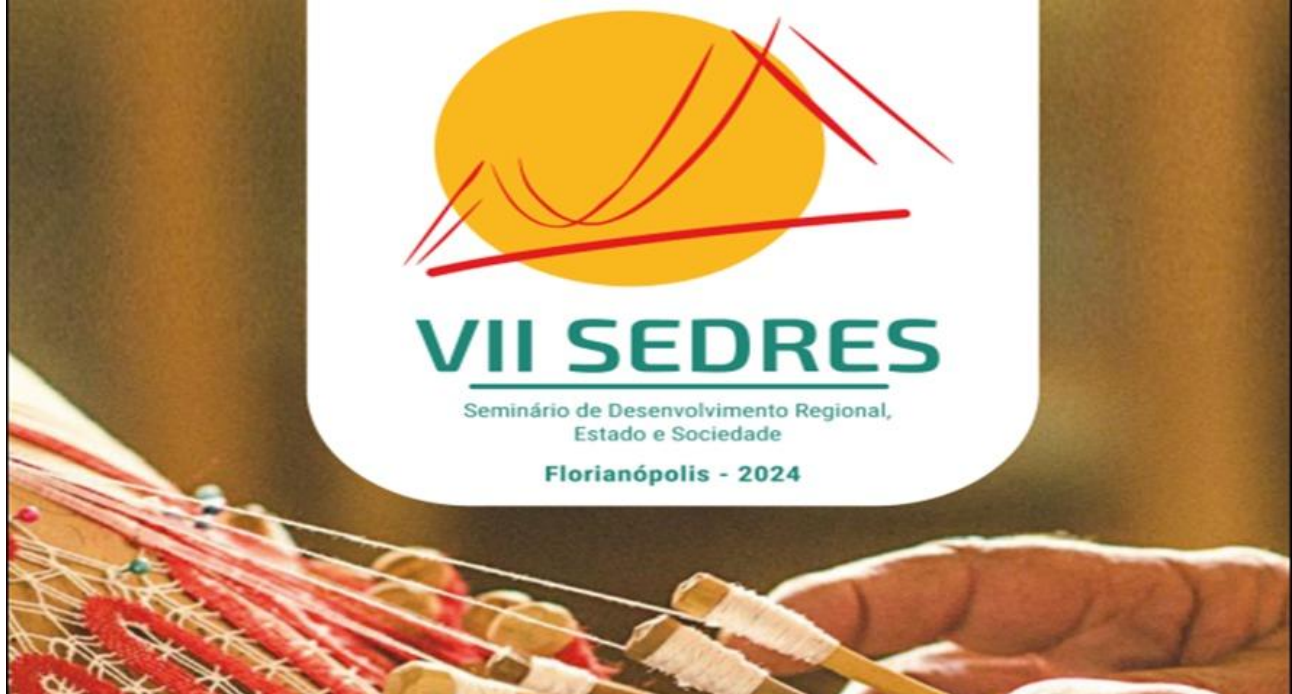
Dinâmicas socioeconômicas regionais

RESUMO

No último quinquênio da década de 2010, a cidade de Olímpia (SP) passou a despertar maior interesse no mundo acadêmico, muito por conta das rápidas transformações em curso levadas a cabo pelo setor do turismo. Afloram nas pesquisas diversas temáticas que procuram decifrar a realidade atual de uma cidade que até no início dos anos 2000 encontrava-se em estado de decadência e estagnação, e passou a ocupar a 2ª posição no ranking de desenvolvimento socioeconômico do Estado de São Paulo bem como a 5ª maior rede de hotelaria do Brasil. Nesse sentido, como forma de introduzir o debate sobre o desenvolvimento do capitalismo no oeste paulista, e sobretudo na formação social de Olímpia, este trabalho procurou decifrar, a partir das combinações geográficas de André Cholley (1964) e da dualidade básica de Ignacio Rangel os elementos centrais da origem e do desenvolvimento que culminaram com as recentes transformações das relações do espaço rural-urbano, e da questão regional do noroeste paulista.

ASPECTOS METODOLOGICOS

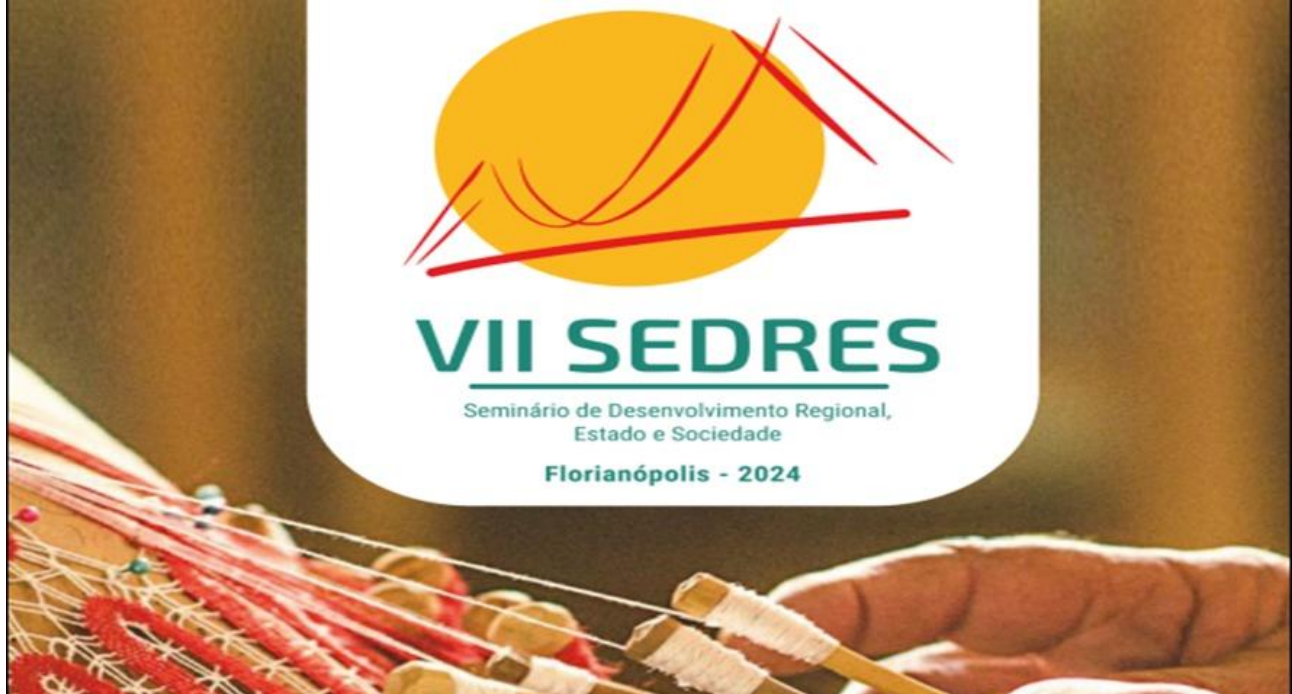
Já é fato consumado nas recentes pesquisas sobre o processo de industrialização do Oeste Paulista (Fresca, 1990; Mourão, 2002; Sampaio, 2003; Gomes, 2007; Emerique, 2014; Silva, 2015) a importância da pequena produção mercantil na gênese e evolução das indústrias localizadas no Oeste Paulista, isto é, nas chamadas frentes pioneiras do início do século XX assinaladas por P. Deffontaines (1945, p.25) de acordo com as cartas gerais de 1910, que eram tratadas como sertão de terras “desconhecidas habitadas por índios”. A rigor, é possível dizer que todas essas pesquisas assinaladas acima confirmaram, via de regra, a hipótese da pequena exploração rural inaugurada por geógrafos como P. Monbeig (1984, p.347) ainda na primeira metade do século XX, e levada às últimas consequências por A. (1976) iversas áreas do vasto oeste paulista que, somadas a ampla rede ferroviária construída com capital dos antigos fazendeiros associados ao capitalismo industrial inglês, promoveu o rápido desenvolvimento de uma extensa e complexa rede urbana, - sendo que hoje algumas dessas capitais regionais se apresentam como verdadeiras “metrópoles de equilíbrio” (Rochefort, 2008). Para tanto,



como forma de contribuir com a extensão do debate sobre as vias de transição no oeste paulista, procuraremos analisar a seguir, a partir do estudo de caso do município de Olímpia - uma típica “cidade de fazendeiros” - como se deu o processo de industrialização numa área que foi considerada como região do colonato (Boechat, 2009) e, que, passou de um surto de prosperidade na década de 1920, com as riquezas do café, e logo foi estrangulada pelos três centros muito próximos que desempenhavam o papel de pequenos núcleos abastecedores das áreas vizinhas: São José do Rio Preto, Bebedouro e Barretos” (Goulart, 1951, p.25). Por outro lado, nesse início do século XXI, a cidade de Olímpia conseguiu reencontrar o caminho do desenvolvimento econômico ao ser promovida, em meados de 2015, a categoria de estância turística do Estado de São Paulo, mobilizando capitais locais, regionais, nacionais e internacionais, que, em certa medida, estão promovendo, - ao lado das políticas municipalistas e estaduais - profundas transformações na estrutura urbano-regional.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A “marcha ao oeste”, isto é, ao “novo” oeste paulista – ou zona dos baixos chapadões do planalto ocidental – ocorreu nos intermédios da primeira para a segunda dualidade brasileira, quando os comerciantes de import/export assumiram, como sócio-maior, o pacto de poder do Estado Nacional ao lado dos “coronéis”, estes “latifundiário-comerciantes, representantes do polo interno, ou sócio-menor” (Rangel, 1981, p.25). No período que se estende até a Revolução de 1930, Olímpia conhece seu auge de desenvolvimento tanto nas fazendas de café, com ex-colonos italianos enriquecidos que logo passaram de pequenos sitiantes a grandes fazendeiros, comerciantes e industriais, como foi o caso de Geremias Lunardelli (o rei do café), quanto na diversificação de algumas atividades comerciais, como o português David Oliveira, “concessionário da Massey Ferguson e implementos agrícolas” e o italiano Pedro Ricciardi, “acionista das Cias. Bandeirantes de Armazéns Gerais e Bandeirantes Comerciais/S.A” (Marangoni, 2001, p.79-80). É daí que depois iríamos assistir o projeto idealizado pelo comerciante e industrial Benito Benatti ao dar origem ao pioneiro clube de águas quentes, o Thermas dos Laranjais, no ano de 1987. Se hoje a atividade turística desempenha um papel extraordinário no desenvolvimento regional olimpiense, isso se deve muito por conta dessas iniciativas locais de empresários dinâmicos, que promoveram em bases sólidas nas décadas anteriores os caminhos da transição alavancada pelas gestões do prefeito Geninho Zuliani (2009-2016) em direção ao setor de serviços voltados para o lazer e o entretenimento. Sem essas bases locais é impossível pensar o desenvolvimento recente do município de Olímpia e a chegada de grandes grupos dessa nova “indústria do turismo”, - como é o caso dos capitais goianos (NATOS) – que têm fortemente contribuído para a transformação da cidade e de suas funções urbanas em ritmo acelerado. Por fim, pode-se corroborar



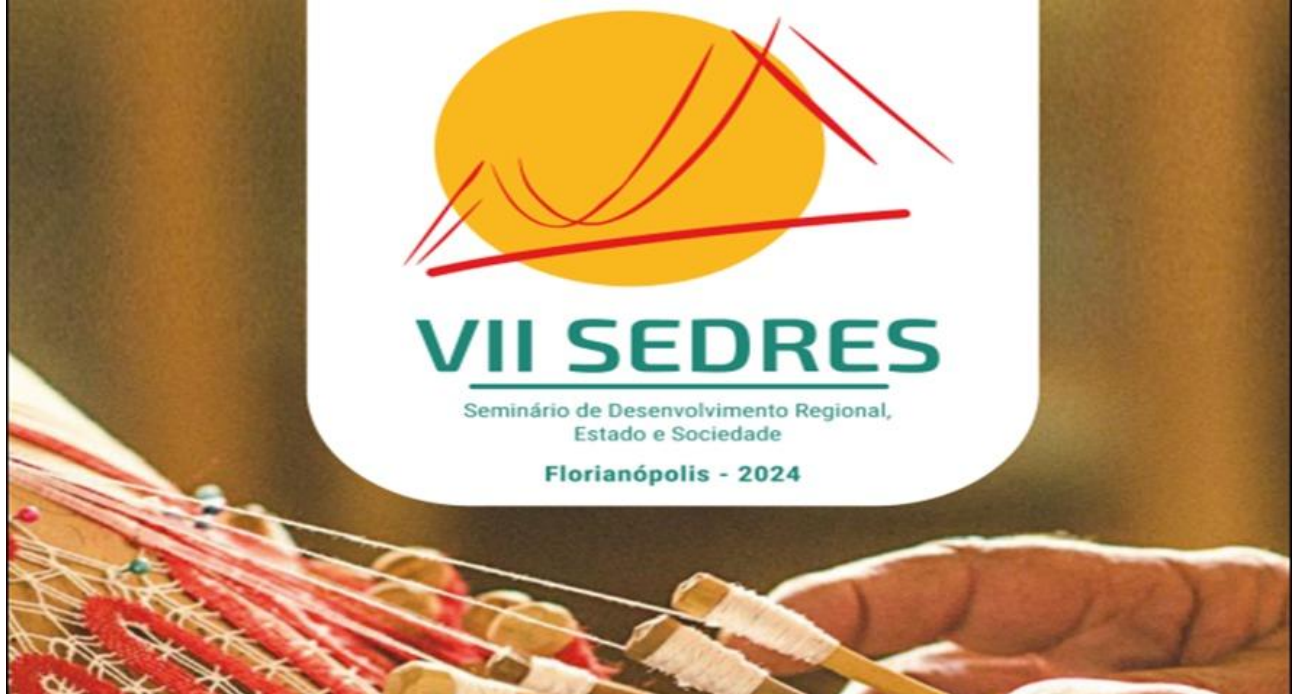
aqui nesse trabalho a tese da dualidade básica como teoria e método das formações sociais periféricas, seu papel como ferramenta imprescindível para se decifrar a realidade concreta a partir de uma visão holística caras a geografia e ao marxismo.

RELAÇÃO COM A SESSÃO TEMÁTICA

Pode-se dizer que este trabalho está intimamente vinculado a sessão temática pelo fato de abordar o desenvolvimento regional e urbano da cidade de Olímpia a partir das categorias de formação sócio-espacial caras a geografia econômica e social.

REFÊRENCIAS.

- BOECHAT, C. A. Região do colonato: mobilização do trabalho e autonomização do capital na área de Olímpia (1857-1964) do Oeste Paulista. (**Dissertação de Mestrado**). São Paulo, FFLCH-USP, 2009.
- CHOLLEY, A. Observações sobre alguns pontos de vista Geográficos. In: **Boletim Geográfico**.n.179 (1ª parte, p.139-145), n.180 (2ª parte, p.267-276). Rio de Janeiro: IBGE, 1964, p.139-145 e 267-276.
- DEFFONTAINES, P. Regiões e Paisagens do Estado de São Paulo – Primeiro Esboço de divisão Regional, Rio de Janeiro: Boletim Geográfico, ano II, março de 1945a, n.24/ Boletim Geográfico, ano III, abril de 1945, n.25; 2.
- EMERIQUE, L. P. Dos engenhos de açúcar a indústria automobilística: o desenvolvimento e as transformações no município de Piracicaba – SP. (**Tese de Doutorado**) FFLCH-USP, Departamento de Geografia, São Paulo, 2014.
- FRESCA, T. M. A dinâmica funcional da rede urbana do oeste paulista: estudo de casos: Osvaldo Cruz e Inúbia Paulista. (**Dissertação de Mestrado**) UFSC, Departamento de Geociências, 1990.
- GOMES, M. T. S. O processo de reestruturação produtiva em cidades médias do oeste paulista: Araçatuba, Birigui, Marília, Presidente Prudente e São José do Rio Preto. (**Tese de Doutorado**). FFLCH – Departamento de Geografia, USP, 2007.
- GOULART, E. P. de A. A cidade de Olímpia. **Boletim Paulista de Geografia**, n.9, out. de 1951.
- MAMIGONIAN, A. O processo de industrialização em São Paulo. **Boletim Paulista de Geografia**, São Paulo, n.50, p.83-102, mar. de 1976.
- MARANGONI, J. M. de J. (Org.) **Olímpia, cidade Menina-Moça: 1857-1941**. Olímpia: Centrograf, 2001. V.1
- MONBEIG, P. As estruturas agrárias da faixa pioneira paulista. In: **Boletim Geográfico**, Rio de Janeiro, v.11, n.116, 1953. p.455-465.



MOURÃO, P. F. C. Reestruturação Produtiva da indústria e desenvolvimento regional: a região de Marília. (**Tese de Doutorado**). FFLCH-USP, Departamento de Geografia, 2002.

RANGEL, I. M. História da dualidade brasileira. **Revista de Economia Política**, v.1, n.4, out./dez. 1981.

ROCHEFORT, M. Entrevista. Presidente Prudente, **Formação**, v.2, n.15, p.5-12, 2008.

SAMPAIO, F. S. Made in Brazil: dinâmica sócio-espacial da indústria citrícola paulista. (**Tese de Doutorado**). São Paulo, FFLCH-USP, 2003.

SILVA, W. S. O processo de industrialização paulista: os casos de Botucatu, Avaré e Ourinhos. (**Dissertação de Mestrado**) FFLCH-USP, Departamento de Geografia, 2015.